

Luís Correia de Sousa · Rosário S. Paixão (coords.)

NVNC EST BIBENDVM

Vinho, identidades e arte de viver



ÍNDICE

Primeira prova – Introdução	
<i>Rosário S. Paixão e Luís Correia de Sousa</i>	
A identidade através do vinho ou uma arte queiroziana de bem viver entre a cidade e as serras de Portugal.....	
<i>Ana Maria Binet</i>	
Raízes da terra, raízes do vinho: a arte de (sobre)viver no Alentejo	
<i>Gloria Alinho</i>	
«Circunda-te de rosas, ama, bebe / E cala». O vinho na obra de Fernando Pessoa e seu heterónimo.....	
<i>Manuela Parreira da Silva</i>	
Imagens literárias do Portugal vinícola	
<i>Ana Luísa Vilela e Margarida Esperança Pina</i>	
De vinho e de humores. O testemunho dos textos seiscentistas de bromatologia	
<i>Inês de Ornelas e Castro</i>	
Vin et vigne dans les lettres de Pline le Jeune	
<i>Armelle Deschard</i>	
O vinho na poesia menor de Aurique da Mota.....	
<i>Elisa Nunes Esteves</i>	
Vinho, espaço e poderes na Antiguidade Tardia.....	
<i>Adriana De Man</i>	

O VINHO NA POESIA MENOR DE ANRIQUE DA MOTA

Elisa Nunes Esteves

Centro de Estudos em Letras (UTAD-UE) – Universidade de Évora

*Agora quero eu
o que aqui venho br
eu desejo d' h
nãa ermida a meu pi
onde pudesse fi*

*E que fosse num de
d' enfindo vinho e
e a fonte muito
e longe a contempl*

Gil Vicente, *Serra da E*

Escolhi para epígrafe deste breve artigo sobre o tema do vinho na poe Anrique da Mota um excerto de uma peça vicentina, *Tragicomédia Pastor Serra da Estrela*, escrita em 1527, na qual um clérigo casamenteiro, erem descontente, sonha com uma *santa vida* numa ermida ideal, perguntand pastores da Serra da Estrela onde poderia encontrá-la. Gostaria que tivesse cela ampla, boa cama, em clima temperado, caça ao jantar e peixe ao alr regado com bom vinho, música, companhia feminina. Enfim, todo um «progr de vida à margem dos costumes prescritos para a instituição monástica»¹, ou verdadeira mostra da Arte de Viver. E é de salientar que na parada gastronó que encontramos na fala da personagem (pão, caça e pescaria, perdiç, moxar vinho se repete, como se fosse o elemento mais importante do seu plano alime

(1) José Camões *Serra da Estrela*, p. 22.